

O país do carnaval na época da Revolução de 1930: um estudo do primeiro romance de Jorge Amado

*O país do carnaval at the time of the 1930's Brazilian Revolution:
a study of Jorge Amado's first novel*

Marcos Vinícius Teixeira*

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Resumo: *O país do carnaval*, de Jorge Amado, foi escrito durante a época em que ocorreu a Revolução de 1930 no Brasil. O acontecimento político, que permitiu grandes transformações, é compreendido pelos historiadores como um evento das próprias oligarquias, que se renovaram e se mantiveram no poder. No romance, embora a questão central da narrativa esteja na insatisfação da vida e na busca pela felicidade individual, o contexto histórico é importante e participa de sua estrutura. O tempo ficcional, no entanto, ultrapassa a data de publicação do livro. A crítica literária vem apontando a presença da revolução, mas sem investigar de forma mais detida a sua presença no romance de Jorge Amado. Assim, o objetivo deste trabalho é estudar a representação da Revolução de 1930 na obra *O país do carnaval*, considerando, para isso, especialmente, dois personagens do livro. De um lado, temos Paulo Rigger que, mesmo sendo um representante da burguesia cacauzeira, parece não se importar com a transformação política em curso e com a situação econômica vivida no país. De outro, temos José Lopes que, embora apareça pouco na obra, possui papel fundamental ao se posicionar a favor do comunismo e pode ser visto como um contraponto ao protagonista. Para a realização deste estudo recorremos aos trabalhos de Camargo (1983), Fausto (1997; 2004), Aguiar (2018), Bueno (2006), Castello (2011), dentre outros.

Palavras-chave: Revolução de 1930. Burguesia cacauzeira. Romance.

Abstract: *O país do carnaval*, by Jorge Amado, was written in the timeframe of the 1930's Revolution in Brazil. This political affair, which allowed great transformations, is understood by historians as an essentially oligarchic event, that renewed and kept this class in power. In the novel, although the central point of the narrative is the dissatisfaction in life and the pursue of individual happiness, the historical context is important and is part of its structure. The fictional time, however, goes beyond the book's publication date. The literary critic has been pointing out the presence of the revolution, albeit not conducting a detained investigation on Jorge Amado's novel. Thus, this work studies the representation of the 1930's Revolution in *O país do carnaval*, particularly by analyzing two characters of the book. On one hand, there is Paulo Rigger, who even as a representative of the cocoa bourgeoisie, seems not to care about the political transformation underway and the economic situation of the country. On the other hand, José Lopes who, although making small appearances in the book, has a fundamental role on taking a stand for communism and can be seen as a counterpart to the main character. In writing this paper, the works of Camargo (1983), Fausto (1997; 2004), Oliveira (1981/1982), Souza (2019), Bueno (2006) and Castello (2011), among others, were used.

Keywords: 1930's Revolution. Cocoa bourgeoisie. Novel.

* Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil, marcosteixeira@uems.br. Este trabalho foi desenvolvido durante a Residência Pós-doutoral realizada na Universidade Federal de Minas Gerais e integra uma pesquisa maior intitulada *Imagens da Revolução de 1930 no modernismo brasileiro*.

1 INTRODUÇÃO

Em 1931, conta-nos Jorge Amado em *Navegação de cabotagem*, seu amigo Otávio de Faria levou os originais de seu romance *O país do carnaval* para a Editora Schmidt, que o publicou no mesmo ano. O escritor, ainda muito jovem, se mudou para o Rio de Janeiro, onde terminou de escrever a obra com a qual ficaria conhecido nacionalmente. Em *O país do carnaval* temos a história de Paulo Rigger, um representante da burguesia cacaueteira baiana, que retorna ao Brasil após viver sete anos na França. Após passar alguns dias na capital brasileira, onde desfruta do carnaval, volta para a Bahia e integra um grupo de amigos que se reúne rotineiramente. As conversas sobre a busca pela felicidade e a inquietação existencial de sua geração estruturam a narrativa. Nessa busca encontramos, por exemplo, os dois grandes amores vividos pelo protagonista no romance. Após o falecimento do mentor intelectual do grupo, Pedro Ticiano, e após as suas decepções amorosas, Paulo decide retornar para a França, e faz, no retorno, o mesmo caminho realizado no início do livro. Vai ao Rio, onde, durante o período de carnaval, embarca em um navio.

Além da questão existencial dos personagens, encontramos, ao longo da narrativa, a presença do contexto histórico, isto é, a passagem da Primeira República para o governo provisório de Getúlio Vargas após a Revolução de 1930. Vale ressaltar que a obra foi escrita durante o ano em que ocorreu a revolução, mas o tempo de seu enredo avança para um tempo futuro em relação ao tempo da escrita. A crítica literária tem recorrentemente apontado a presença do tempo histórico na trama ficcional, sem, no entanto, investigar essa questão. Assim, o propósito deste estudo é analisar a representação da Revolução de 1930 no romance *O país do carnaval*. Para isso, vamos investigar a importância dos personagens Paulo Rigger e José Lopes em relação ao tempo histórico e à própria construção romanesca. O primeiro, como dissemos, é um representante da burguesia cacaueteira e encontra vinculação, por meio de sua classe, com as oligarquias que mesmo após a revolução vão se manter no poder político e econômico do país. Já José Lopes, que é compreendido por nós como um alter ego de Jorge Amado, existe na ficção como um escritor que possui ideologia diferente e até mesmo oposta ao protagonista.

A amizade com Otávio de Faria, ligada ao Chaplin Clube, que o escritor frequentava, revela uma convivência com o universo cultural do Rio de Janeiro, onde, a partir daquele ano, fazia o curso de Direito. José Castello (2011) afirma que Jorge Amado, aos 17 anos, foi morar numa pensão no Rio de Janeiro, obedecendo a uma decisão de seu pai. O próprio autor afirma em entrevista a Alice Raillard que havia escrito a maior parte de *O país do carnaval* na Bahia e, já morando no Rio, redigiu os dois últimos capítulos. A afirmação, no entanto, apresenta uma contradição temporal quando observamos a presença da Revolução de 1930 no livro, quando o escritor já vivia na capital do país. No capítulo dez, por exemplo, o protagonista se propõe a entrevistar os próceres da revolução. É preciso considerar, nesse sentido, que Jorge Amado trabalhou em sua obra já residindo no Rio, sem a delimitação de capítulos mencionada.

Nessa perspectiva, a vivência, nessa cidade, mesmo que breve, pode ter sido importante para a redação de duas partes do livro em que o protagonista Paulo Rigger

passa na capital do Brasil e para observar um momento histórico importante na vida do país, a Revolução de 1930. Apesar de o tempo histórico aparecer em vários momentos da narrativa, participando de sua economia, ele não chega a estruturar o romance que se volta para uma questão existencial das personagens, relacionada, neste caso, à possibilidade de ser feliz. No entanto, se observarmos a condição econômica do protagonista e nos lembrarmos que a Revolução de 1930 não teve origem nas camadas populares, sendo antes uma revolução das próprias oligarquias, é possível compreender melhor a importância do tempo histórico no livro de Jorge Amado.

Não são poucos os estudos sobre *O país do carnaval*. Roberto Amado (2021) estudou a obra de Jorge Amado publicada de 1931 a 1934 buscando contextualizá-la e compreendê-la em relação às principais questões literárias do período. O pesquisador recupera a situação econômica vivida no Brasil em relação ao mercado editorial brasileiro, que, diante dos altos preços dos livros importados, possui crescimento expressivo. Nesse sentido, Jorge Amado, beneficiado pelo momento, veria sua edição de mil exemplares de *O país do carnaval* acabar em pouco tempo de forma que mais dois mil exemplares foram impressos pouco tempo após o lançamento da obra. Livro bem recebido pela crítica, foi considerado por Marques Rebelo o melhor romance do ano, conforme registra Roberto Amado, que relembra ainda a ideia de inquietação no romance associada à presença forte do diálogo e da espontaneidade. Sobre a tiragem de dois mil exemplares, outro crítico, José Castello (2011) afirma que metade foi comprada pelo próprio autor com a intenção de distribuir aos amigos. No entanto, o próprio Jorge Amado nos fornece informações um pouco diferentes em entrevista a Alice Raillard, quando afirma: “Uma primeira edição de mil exemplares estava esgotada — talvez eu mesmo tenha sido o melhor comprador!” (Raillard, 1990, p. 48).

Antes de Roberto Amado, Lúcia Lippi Oliveira (1981/1982) publicou um artigo em que estuda o pensamento político nos anos 1930, contrapondo, especialmente, as obras *O país do carnaval* e *Maquiavel e o Brasil*, de Otávio de Faria. Pontua a forma como os personagens abordam a política e a época no Brasil, lembrando que a formação em Direito se voltava para uma carreira política na época. Paulo Rigger, no romance de Jorge Amado, faz o curso na França, de onde retorna. A pesquisadora ressalta a crítica, nas duas obras, a um país destinado a imitar as ideias de outras terras e direciona seu texto para o posicionamento do escritor baiano em relação ao livro de Faria, quando este preconiza a “vitória da revolução” e a “reconstrução do velho mundo pelo proletariado”. (Oliveira, 1981/1982, p. 160).

Eduardo de Assis Duarte (1996), em seu livro dedicado à obra de Jorge Amado, estuda *O país do carnaval*, observando o humor, a dimensão social e cultural do Brasil muitas vezes marcada pela caricatura e pelo estereótipo, a existência de preconceitos, dentre outros aspectos. Duarte afirma que o protagonista é “herdeiro da oligarquia cacauceira” e “encarna o tipo do parasita sustentado pela fortuna paterna” (Duarte, 1996, p. 41). Para o estudioso, falta ao primeiro romance de Jorge Amado uma ação melhor estruturada que “penetrasse a fundo no tecido social” (Duarte, 1996, p. 43). Ele considera ainda que a obra abarca o período histórico em que foi escrito e não destoa do pensamento da classe dominante da época.

Há uma tendência da crítica literária ou mesmo da área da história de ler o primeiro romance de Jorge Amado considerando-se o seu percurso posterior, voltado para o universo proletário. Esse movimento apresenta um ganho, mas também um revés, pois de um lado compreende-se a obra numa linha evolutiva do autor, mas, de outro, prescinde-se de uma leitura voltada ao próprio universo da obra. Em alguns estudos, essa leitura parece ser inevitável, dado o arco temporal previamente estabelecido. O historiador Matheus de Mesquita e Pontes (2009), por exemplo, que também estudou a literatura de Jorge Amado observando o engajamento e uma orientação partidária ligada ao Partido Comunista do Brasil, afirma que o primeiro romance do escritor “apesar de ser um ‘grito de revolta’, está longe de ser uma proposta literária que aponte para o socialismo ou para uma ação revolucionária” (Pontes, 2009, p. 149). Ele destaca uma indiferença dos personagens de *O país do carnaval* em relação ao fascismo e ao comunismo e problematiza a afirmação de Jorge Amado de que a Revolução de 1930 teria tido mais importância para o romance de 1930 do que a fase heroica do modernismo. Já a historiadora Laudênia Matias Alves de Souza (2019), que estudou a atuação de Jorge Amado como escritor e intelectual ao longo da década de 1930, estudou, dentre diversos textos, *O país do carnaval* e o livro *ABC de Castro Alves*, procurando investigar a posição crítica e intelectual do escritor ao longo daquela década. Com relação à obra *O país do carnaval*, após passar por alguns pontos do enredo, a pesquisadora compreende que o escritor teria passado de um patamar marcado pela dúvida, como se observa em seu primeiro romance, a um estágio de posição política bem demarcada.

2 PAULO RIGGER, UM REPRESENTANTE DA BURGUESIA CACAUEIRA

O universo da inquietação, que caracteriza o primeiro romance de Jorge Amado, foi, acertadamente, compreendido pelo crítico Luís Bueno, em seu monumental *Uma história do romance de 30*. Ao evitar contrapor a imagem do escritor das décadas seguintes ao que estreava com *O país do carnaval*, Bueno capta bem esse sentimento de dúvida e indefinição que pode ser associado aos personagens dessa narrativa. Preocupados com questões existenciais, eles buscam o tempo todo a própria felicidade. Segundo Bueno,

O sentimento geral do período é o de uma certeza de que não é possível ao intelectual ficar de fora, apenas observando os acontecimentos. Afinal, todo um mundo ruiu e é preciso construir outro, melhor e mais justo. O grande problema, evidentemente, é como fazer isso. Em 1929, mesmo ano em que saiu *Sob o olhar malicioso dos Trópicos*, foi publicado em Recife o pequeno romance de Luís Delgado, *Inquietos*, bastante desconhecido hoje, o que primeiramente captou esse espírito que seria a tônica do início da década de 30: a inquietação daqueles que desejam engajar-se em algo, que, sem definição muito clara do que querem, aspiram a querer algo concreto. (Bueno, 2006, p. 105)

Luís Bueno (2006) ressalta, em seu estudo, que o universo ideológico de 1930 era bastante difuso, o que contribui para situar, por exemplo, as afirmações dos personagens

de Jorge Amado sobre o comunismo. Por outro lado, para Luís Bueno a fama de “livro anticomunista” deve ser repensada e compreendida como obra católica, o que ocorre, em sua visão, por uma leitura que considera a atuação do protagonista. Embora Bueno considere outra possibilidade de leitura da obra, o que é possível, a compreensão ligada ao protagonista é bastante razoável. Em nosso entendimento, o protagonista funciona, no romance, como uma representação de alguém pertencente à burguesia cacaueteira¹ e sua quase alienação em relação ao período vivido pode ser compreendida como um posicionamento da elite que viu uma revolução acontecer, rompendo com um predomínio paulista, para que ela mesma continuasse no poder, embora de modo diverso.

De fato, já no primeiro capítulo o narrador nos informa sobre Paulo Rigger, afirmando que “aos vinte e seis anos, era o tipo cerebral, quase indiferente, espectador da vida, tendo perdido há muito o sentido de Deus e não tendo achado o sentido de pátria” (Amado, 2011, p. 20). No capítulo sete, o protagonista afirma que Pedro Ticiano é o mestre de seu grupo e com ele aprenderam a indiferença e o ceticismo para depois combaterem essa ideologia. Pedro Ticiano é um personagem importante para a discussão sobre a religião na obra. Em *O país do carnaval*, os personagens refletem sobre a felicidade e a própria existência e essa discussão é fator de unidade para a compreensão do romance. Dentre as possibilidades para a felicidade, a religião aparece como um caminho nas conversas. Ticiano a recusa e afirma que “a felicidade reside na própria infelicidade” e que o fim deve ser o “de não ter fins” (Amado, 2011, p. 43-44). Em outra parte da obra se atribui a Ticiano a ideia de viver sem ter sonhos, sem desejar, como uma forma de evitar o sofrimento. Em torno dele, os personagens opinam. Um defende o Tomismo. Outro afirma que a felicidade estará no sentimento. José Lopes afirma que pode estar na religião, se vivida sem muita reflexão. Paulo Rigger experiencia o amor com Julie, mas, não suportando a traição, age com violência, reproduzindo um comportamento abominável anunciado em música de carnaval. Se o amor que vem de Julie se revela carnal, Paulo busca cultivar o afeto em relação à Maria de Lourdes. O nome da personagem, por sinal, traz uma simbologia católica ligada à ideia de pureza. Ao descobrir que ela não é mais virgem, o que é quase uma inverossimilhança na narrativa, Paulo desiste do amor que lhe tem. Depois, ao responder uma carta de Ricardo Braz, confessa que quase se matou. Posteriormente, em conversa com José Lopes, Paulo afirma que só lhe falta tentar a religião. No capítulo doze, o narrador afirma que Paulo “perdera apenas o ceticismo que trouxera da França e ficara um inquieto...” (Amado, 2011, p. 109). Por fim, quando embarca em um navio para a Europa, vendo o Cristo do Corcovado, afirma: “— Senhor, eu quero ser bom! Senhor, eu quero ser sereno” (Amado, 2011, p. 146).

Apesar da prece feita ao final do romance, não há elementos que permitam afirmar nem que houve conversão nem que se trata, muito menos, de uma obra de afirmação católica. O caminho da religião, no universo da narrativa, é associado ao homem ignorante e Paulo Rigger possui tanto a instrução da academia quanto a instrução das ruas ou da

¹ Adotamos a expressão burguesia cacaueteira que nos pareceu mais adequada do que o termo oligarquia, pois na obra de Jorge Amado não se explora uma relação de poder político relacionado à família de Paulo Rigger, embora essa associação fosse recorrente no período nas famílias latifundiárias, por exemplo. Segundo Boris Fausto (2004, p. 261), “Oligarquia é uma palavra grega que significa governo de poucas pessoas, pertencentes a uma classe ou uma família”.

mesa de bar. Pela lógica da obra, a falta de ignorância o conduziria à infelicidade. Difícil é entrever um caminho diferente para qualquer um dos personagens. Mesmo Ticiano, que permanece ateu, vai ficando cego o que parece uma forma simbólica de dizer que as luzes no sentido do conhecimento não lhe trouxeram muitos benefícios em relação à insatisfação da vida. Mesmo Jerônimo Soares que se casa com uma prostituta e parece ter encontrado a felicidade, se surpreende insatisfeito e conclui que talvez lhe faltasse a religião. Mas como essa nova etapa do personagem não é desenvolvida no romance, não é possível afirmar que a tenha encontrado. De qualquer modo, Jerônimo Soares funciona como bom paralelo de vida em relação ao protagonista. O resultado será sempre a inquietação. A inquietação existencial se ampara na inquietação política da própria época. As conversas sobre o comunismo, assim como as conversas sobre a felicidade, não chegarão a uma conclusão ou a um entendimento viável. José Lopes parece seguir um caminho diferente quando se afirma comunista e busca refletir sobre a felicidade coletiva.

Luís Bueno (2006, p. 104-105) afirma, por outro lado, que no Brasil “religião e comunismo ainda não se configuravam como antagonistas absolutos” e que o próprio romance de Jorge Amado, visto de forma ampla, não realiza exatamente uma oposição entre os dois universos. O sentimento contrário ao comunismo, por outro lado, pode advir da atmosfera burguesa que o livro possui e em alguma medida parece defender. Nesse ponto, claro, é possível incluir a religião. Quase tudo cheira à burguesia. Já de início acompanhamos o protagonista numa viagem de navio, em retorno ao Brasil, acompanhado de um grupo de pessoas cujas roupas caras foram feitas em Londres e em Paris. Durante o desenvolvimento do enredo, o protagonista não apresenta nenhuma preocupação financeira e várias vezes aparece percorrendo a cidade em um automóvel, que poucos poderiam possuir. Infeliz no amor carnal e no amor afetuoso, resolve, após uma conversa com José Lopes, quando, por sinal, religião e comunismo são rapidamente contrapostos, voltar para a Europa. Embora seja uma passagem rápida no diálogo entre ambos, a contraposição é significativa e coloca Paulo Rigger do lado oposto às ideias socialistas:

— Quer me converter? Eu não dou para comunista. Gosto de me vestir bem.

— E você é rico. Não tento a sua conversão. Você é um grande burguês. Deve nos combater...

— Eu, não. Que o mundo role. Eu cheguei à suprema infelicidade... Sou bem a representação da minha geração. A geração que sofre. Que assiste aos últimos suspiros da democracia e aos primeiros vagidos do comunismo. Geração traço de união. Geração do sofrimento. Estou perdido na noite da dúvida. [...] (Amado, 2011, p. 143)

No diálogo, a primeira negação de Paulo está relacionada ao comunismo. José Lopes, ao lembrar que o primeiro é rico, situa-o como uma espécie de inimigo. A nova negativa do protagonista se anuncia como uma resposta difusa, marcada pela dúvida. O segundo “eu não” seguido por um “que o mundo role” soa quase como uma indiferença às questões pontuadas por seu amigo. Entre os últimos suspiros da democracia, interrompida pela Revolução de 1930, e os “vagidos” do comunismo, Paulo Rigger se sente um representante da geração que sofre, é um personagem marcado pela inquietude.

Aparentemente, recusa os dois universos, mas, em nossa leitura, ele não deixa de ser um representante da burguesia cacauzeira e embora o acontecimento histórico tenha alterado os poderes das oligarquias, o governo provisório manteve-as no poder.

Curiosamente, numa longa entrevista concedida a Alice Raillard no ano de 1985, Jorge Amado, ao lembrar sobre o tempo vivido e pensar sobre o nascimento do Romance de 1930, atribui uma dimensão popular à tomada de poder por Getúlio Vargas.

A partir do golpe de 1922, destas primeiras rebeliões dos tenentes, o “tenentismo” se estende. Há outras sublevações, há a marcha da Coluna Prestes pelo país, elementos revolucionários que se conjugam, até desembocar, finalmente, na Revolução de 1930. Que não foi um golpe de Estado, mas uma revolução, apoiada por um movimento das massas, por grande entusiasmo popular. Uma revolução que se transformou em golpe de Estado em dado momento: quando a revolução estava quase vitoriosa, os militares, o exército deram um golpe de Estado no Rio, derrubaram o presidente, e talvez tivessem tomado o poder. Mas Getúlio Vargas vinha do Rio Grande do Sul encabeçando uma revolução popular. Ele chega, e logo depois quer assumir o poder. (Raillard, 1990, p. 59-60)

A afirmação, evidentemente, é muito posterior à publicação de *O país do carnaval*, o que por si só precisa ser relativizada. Interessaria verificar a compreensão sobre o fato histórico durante a escrita do romance. De qualquer forma, a ideia de um movimento ligado às massas ou mesmo de uma “revolução popular” não é defendida pelos historiadores. Pelo contrário, a interpretação predominante é de que a revolução foi feita pelas próprias oligarquias, mesmo havendo, como afirma Aspásia Camargo, uma vertente populista. Para ela, “velhas lideranças oligárquicas são substituídas por novas oligarquias” (Camargo, 1983, p. 12, grifo do autor). Camargo afirma, nesse sentido, que com a Revolução de 1930 não ocorre um deslocamento de poder, mas uma “renovação geracional das elites”. Já Boris Fausto (1997) considera que o proletariado não interveio na revolução como classe e teve uma “presença difusa” no episódio. O historiador concorda que ocorreram manifestações de apoio popular a Getúlio Vargas em pelo menos duas ocasiões significativas, mas que “o êxito da Revolução de 1930 dependeu em essência do papel desempenhado pelos militares [...]” (Fausto, 1997, p. 134). Ele reconhece, em seu estudo, um caráter elitista em relação aos chamados tenentes, o que os ligava ao pensamento da classe dominante. Com relação à classe média, Boris Fausto (1997, p. 109) afirma: “O movimento de 1930 não pode ser entendido sem a intervenção das classes médias, mas não é uma revolução destas classes, nem no sentido de que elas sejam o setor dominante no curso da revolução, nem de que sejam seus principais beneficiários.”

Segundo Boris Fausto (1997), antes mesmo de a revolução ocorrer, Getúlio Vargas, quando candidato da Aliança Liberal declara ao *Correio do Povo* de Porto Alegre que a política do café seria preservada caso eleito. O café, na compreensão do próprio Vargas, respondia por cerca de 70% das exportações brasileiras. O historiador demonstra bem que, independentemente das mudanças políticas, só poderia ocorrer uma política de continuidade na economia do país. Assim, com a revolução, São Paulo perde o poder político, mas mantém a importância econômica. Terá ainda papel importante ao se opor

à política intervencionista de Vargas e, mesmo com a derrota em 1932, impulsionar a elaboração de uma nova constituição para o país.

A Revolução de 1930 foi, em linhas gerais, uma ruptura com a chamada política café-com-leite. “São Paulo dá café / Minas dá leite / E a Vila Isabel dá samba”, cantaria Noel Rosa em 1934 no famoso samba “Feitiço da Vila”², referindo-se à alternância de poder entre dois estados importantes do país. Diante da vitória do candidato paulista Júlio Prestes, por meio de uma eleição fraudulenta, no momento em que Minas Gerais deveria indicar o novo presidente, a Aliança Liberal, com o apoio dos tenentes e por meio de ações armadas, destituiu Washington Luís do poder e implantou um governo provisório. Começava um período de intervenções. Em 1934, segundo Boris Fausto, Getúlio Vargas foi eleito presidente por meio do voto indireto. As eleições diretas estavam previstas para 1938, mas em novembro de 1937 tivemos um golpe de estado que deu início ao Estado Novo.

É interessante observar o impacto que as mudanças políticas tiveram sobre o jovem escritor Jorge Amado. Como dissemos, no final da Primeira República, o autor havia se mudado para o Rio de Janeiro e, vivendo em pensão, conforme nos informa Josélia Aguiar, tinha a expectativa de conseguir alguma indicação para um cargo público. Era preciso, com isso, aguardar pela posse de Júlio Prestes que, como sabemos, não aconteceria. Assim, o escritor tem que recorrer a outros trabalhos nos jornais e como professor de português para sobreviver. Por outro lado, ainda não estava formado nos preparatórios e quando Getúlio Vargas assume o governo provisório, decreta, segundo Aguiar, que os alunos pudessem requerer a média nas avaliações diante da impossibilidade de se realizarem os exames. Esse efeito provocado na vida do escritor não encontra simetria quando observamos seu personagem Paulo Rigger que parece existir com distanciamento em relação às transformações políticas e mesmo econômicas do país.

Retomando, o estudo de *O país do carnaval*, se na parte adiantada do romance da qual tratávamos se menciona os “últimos suspiros da democracia”, quando, como dissemos, Paulo Rigger nega o comunismo e se sente “perdido na noite da dúvida”, no início do livro, a burguesia paulista é exaltada e ao mesmo tempo criticada, numa clara referência à política do café com leite da Primeira República. Vejamos.

Adiante, um senador, um fazendeiro, um bispo, um diplomata e a senhora do senador conversam na boa paz burguesa dos que têm o reino da terra e a certeza de comprarem o do céu.

— sim — diz o fazendeiro —, foi regular a safra. Mas os preços...

— Ora, coronel, o senhor quer dizer a mim?... Mesmo pelo preço que está, o café continua a dar um lucro fabuloso... É a riqueza de São Paulo e a do Brasil.

— Mesmo porque o Brasil é São Paulo! — fez a senhora do senador, baísta de irritar.

— Oh, minha senhora! Perdoe-me se discordo de Vossa Excelência mas...

[...]

— mas há outros grandes estados... Olhe a Bahia, minha senhora. A Bahia, veja Vossa Excelência, produz tudo... Cacau. Fumo. Feijão. E produz homens,

² Com relação ao samba “Feitiço da Vila”, de Noel Rosa, recomenda-se a leitura do livro *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*, de Carlos Sandroni.

minha senhora, grandes gênios. Rui Barbosa era baiano... (Amado, 2011, p. 18)

Esta cena está bem no início do romance, que se inicia com uma imagem de representantes da elite e estrangeiros, a exemplo de Julie, que visitam ou retornam ao Brasil em plena época de carnaval. No fragmento citado, a burguesia é representada por figuras ligadas ao poder no fim da Primeira República: um fazendeiro, um bispo, um diplomata, um senador e sua esposa. O fazendeiro é chamado de “coronel”, São Paulo é entendido como sinônimo de Brasil por uma personagem e o café é lembrado como a riqueza do país. Boris Fausto (2004, p. 263) nos informa que a expressão “República dos coronéis” remete “aos coronéis da antiga Guarda Nacional, que eram em sua maioria proprietários rurais com base local de poder”. A expressão ficou associada aos fazendeiros que, com seus capangas, exerciam um poder local em regiões interioranas e influenciavam nas eleições por meio do voto de cabresto. No fragmento, a Bahia é contraposta a São Paulo, revelando, ainda que por meio de um diálogo, o descontentamento que havia nos estados brasileiros com o domínio político de Minas e São Paulo. Esse descontentamento, quando São Paulo tenta eleger Júlio Prestes, levará à criação da Aliança Liberal, quando Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba se unem para fazer oposição. É como candidato desta aliança, como dissemos, que Getúlio Vargas vem a público se manifestar pela defesa do café como principal produto de exportação e da economia brasileira.

Considerando-se o tempo do romance, a conversa entre os personagens ocorre pouco antes da Revolução de 1930. É importante observar que o tempo da escrita e o da narrativa são muito próximos e, em parte, coincidentes. No capítulo doze, pouco antes de voltar para a França, Paulo Rigger afirma que está no Brasil há dois anos³. Nesse momento, vê um cartaz que anuncia um comício que promete tratar do governo atual, estamos no início do período de Getúlio Vargas, e reivindicar a volta ao regime constitucional. O cartaz é bastante significativo, pois é um registro, ainda que na ficção, anterior à chamada Revolução Constitucionalista de 1932. Revela, assim, um escritor atento à sua época e contribui para o entendimento da abordagem do tempo histórico feito pelo livro. No último capítulo assistimos ao embarque do protagonista que parte para a Europa. É dia de carnaval, o que simbolicamente parece fechar um ciclo, considerando que o personagem, no início do livro, havia retornado justamente durante a festa de carnaval. Assim, ao todo, esteve três vezes no Rio de Janeiro: ao chegar, ao passar alguns dias tentando entrevistar “os próceres do movimento revolucionário

³ A idade do personagem Pedro Ticiano também pode ser utilizada para pensar o arco temporal cronológico da obra. No capítulo 3, quando Paulo Rigger o conhece, somos informados de que possui 64 anos. Já no capítulo 12, o líder intelectual do grupo aparece com quase 70 anos. Nesse mesmo capítulo, Paulo Rigger afirma que está há dois anos de Brasil. Tem-se assim duas referências temporais distintas num mesmo capítulo. A fragmentação existente na terceira parte desse capítulo, no entanto, permite pensar numa passagem temporal. Apenas como forma de comparação, no capítulo 14, Pedro Ticiano falece próximo de completar 70 anos. Se tomarmos a idade desse personagem como referência, Paulo Rigger somaria bem mais de dois anos até embarcar para a França no final da obra. Como a obra possui tempo predominantemente cronológico, opera-se uma circunstância curiosa, pois com dois anos de Brasil já havia ocorrido a Revolução de 1930, como vimos. Assim, o tempo da narrativa ultrapassa o tempo da escrita e Jorge Amado se vê escrevendo sobre um tempo futuro, que, evidentemente, não informa objetivamente.

vitorioso” (Amado, 2011, p. 91), e ao final, quando embarca para a França. Sabemos, por meio de José Castello, que Jorge Amado trabalhou na escrita do romance quando vivia no Rio de Janeiro em 1930. O país do carnaval também traz o referido ano tanto na “Explicação” do autor quanto na última página da obra, indicando que esta foi finalizada naquele ano. O livro foi publicado em setembro de 1931. O país do carnaval foi escrito, portanto, no calor do momento, durante o ano e o acontecimento da Revolução de 1930.

É preciso lembrar que o preço do café inicia uma trajetória de queda a partir de outubro de 1929, perdendo valor de mercado em mais de 50% até dezembro de 1930. Além da crise econômica de ordem mundial, o Brasil havia perdido o monopólio da produção do café no mundo. A política de preços utilizada pelo presidente Washington Luís desagradou aos fazendeiros, pois, segundo Boris Fausto (1997, p. 129), para manter a estabilidade cambial, o presidente “abandona a defesa do café, tentando ampliar consideravelmente as vendas no exterior, por meio da baixa de preços”. A Revolução de 1930 ocorre, assim, em período de grande descontentamento da burguesia cafeeira paulista. Nesse sentido, o diálogo retirado do primeiro capítulo de *O país do carnaval*, embora aparentemente corriqueiro e informal, é revelador da complexidade política pela qual passava o país. De um lado, o descontentamento dos fazendeiros paulistas com a queda do preço do café. De outro, a insatisfação das oligarquias dos demais estados brasileiros que não se sentiam representadas na alternância de poder existente na Primeira República.

Paulo Rigger, que participa aparentemente sem muito interesse da conversa, é descrito como filho de um “riquíssimo fazendeiro de cacau no sul do estado da Bahia” (Amado, 2011, p. 20). Seu pai, antes de falecer, decidira que o filho deveria ir para a Europa realizar o curso de Direito porque “já estava muito banal a formatura no Brasil”⁴. O protagonista, no momento do retorno, está com 26 anos, a presença de Julie lhe desperta, desde já, uma reflexão entre o desejo carnal que ela simboliza no livro e o amor afetivo. Tudo remete ao universo burguês. O protagonista decide voltar pelo Rio de Janeiro para poder conhecer uma cidade cosmopolita. Já hospedado, sente-se um estranho em seu país, pois voltou afrancesado. Aos poucos vamos sendo informados sobre o que se passava no Brasil: os jornais noticiam a vontade de os estados oposicionistas elegerem um candidato próprio, Júlio Prestes é mencionado pelo criado do hotel. Na rua, ao reencontrar o diplomata, ouve dele que o Brasil precisa de uma revolução.

De volta à Bahia, integra-se ao grupo de Pedro Ticiano e a obra ganha um direcionamento mais existencial, voltado para uma busca da felicidade. No capítulo cinco, temos a ida de Paulo Rigger para a fazenda da família. Uma questão interessante em *O país do carnaval* é o fato de não haver nenhuma preocupação em relação à situação

⁴ Recorrendo ao trabalho do economista Antônio Delfim Netto, Boris Fausto (1997) nos informa que após outubro de 1929, o preço caíra de 33\$500 para 20\$750 no mês de dezembro e chegaria a 15\$500 em dezembro de 1930. Cf. Fausto, 1997, p. 145. Sobre o assunto, recomenda-se a leitura do capítulo “A ‘derrubada’ das oligarquias” do livro *A revolução de 1930: historiografia e história*, de Boris Fausto.

⁵ José Castello (1997, p. 151) aproxima a situação do protagonista à vida do próprio escritor Jorge Amado: “Quando volta de Paris, onde viveu durante sete anos, Paulo Rigger traz consigo uma forte indiferença pelo presente. O pai o enviou à França (assim como o coronel João Amado enviou Jorge ao Rio) na esperança de que se tornasse bacharel”.

econômica da família do protagonista. Não há um único diálogo ou sumário narrativo que revele qualquer dificuldade financeira. A ida para a fazenda produtora de cacau ocorre sem que haja alguma necessidade. Vive como um fazendeiro até descobrir que Julie lhe traía com o funcionário Honório. O protagonista, para se vingar, sabendo que Honório deve um valor alto a sua família, manda que lhe tomem a casa como pagamento e o despede. As dificuldades financeiras estão sempre relacionadas aos personagens secundários. Além de Honório, temos a pobreza de Maria de Lourdes e a falta de dinheiro de José Lopes para publicar um livro. Paulo Rigger, ao contrário, está disposto a enriquecer a primeira e publicar o livro do segundo. Nada, na obra, parece afetar a situação do protagonista. Vejamos o contraste existente entre Maria de Lourdes e o protagonista:

- [...] Tenho estado aqui dias seguidos. Não a consegui ver ainda. Não aparece nas janelas...
- Onde eu moro não tem janelas, senhor.
- Senhor, não. Tratemo-nos por você, está certo?
- Está. Onde eu moro não há janelas. É um sótão. Eu sou muito pobre... E o senhor... isto é, você parece ser muito rico. Automóvel bonito! Nunca poderá gostar de uma moça como eu. (Amado, 2011, p. 75)

Em pouco tempo estão noivos e planejam se casar em poucos meses. Paulo planeja, então, passar uma estadia nos Estados Unidos que ainda não conhecera. No entanto pouco depois abandona a noiva ao saber que não é mais virgem. A parte em que recebe a notícia de que Pedro Ticiano está para morrer também é exemplar para mostrar a riqueza do protagonista. Paulo Rigger é informado pelo telefone. Em seguida surpreende a copeira e o chofer dormindo juntos. De automóvel, segue em busca dos amigos para juntos irem até a casa de seu mentor intelectual.

Em O país do carnaval, de Jorge Amado, não encontramos um registro episódico representativo da Revolução de 1930. As notícias vão chegando pelos jornais ou vão aparecendo nas rodas de conversa. Em outras obras que abarcaram esse tempo histórico, o episódio aparece de forma bastante trabalhada. Em Olhai os lírios do campo, de Erico Verissimo, por exemplo, temos uma parte em que uma batalha ligada à Revolução de 1930 aparecem bem integrada à trama. Em S. Bernardo, de Graciliano Ramos, o episódio histórico ocupa papel fundamental na parte final do romance quando o declínio espiritual do protagonista coincide com o declínio econômico do país após a revolução. Já em João Ternura, de Aníbal Machado, por ser uma obra em que o humorismo está presente e o protagonista é um personagem que age de forma indiferente ao capitalismo, a revolução acaba funcionando como mais um dos episódios quixotescos do romance. No entanto, o tratamento dado ao combate é bastante sugestivo. Em O país do carnaval, não temos um episódio bem representado da revolução, como ocorre nas demais obras mencionadas. No capítulo sete encontramos a maior proximidade temporal com o fato histórico:

Paulo Rigger, naquela noite, jantara com Ricardo Braz, que se formara havia poucos dias. Tinham conversado muito. Sobre tudo. Sobre o Brasil. A revolução, de que os jornais tanto falavam. Paulo Rigger não acreditava que a revolução melhorasse o país. Ricardo, tampouco. Em todo caso, piorar não podia. O Brasil “estava à beira do abismo”. Frase retórica, mas verdadeira...

— É deixá-lo cair! É deixá-lo cair! Deve ser muito engraçado o Brasil no fundo do abismo...

Gargalharam. (Amado, 2011, p. 62)

Mesmo não havendo um capítulo ou uma cena mais trabalhada sobre a revolução, o tema percorre todo o romance de Jorge Amado e possui grande importância para a interpretação de sua obra. No entanto, é curioso o desinteresse de Paulo Rigger sobre o tema que impacta fortemente as relações políticas e econômicas de todo o Brasil. Ele chega a viajar para o Rio de Janeiro com o objetivo de entrevistar os principais próceres da revolução para o jornal que colabora, custeando ele próprio a viagem. No entanto, Jorge Amado não explora esse universo na narrativa e a estadia na capital parece existir mais para que Paulo esquecesse a noiva do que para redigir uma matéria. Em outras palavras, a viagem está mais ligada a questão existencial do protagonista do que voltada para a questão histórica que a justificaria.

Assim, a situação política do país não parece interferir ou ser motivo de qualquer preocupação na vida de Paulo Rigger ou de sua família. O personagem parece protegido pelo universo burguês e aparentemente nada lhe ameaça no sentido econômico. De forma comparativa, para o personagem João Ternura, na obra de Aníbal Machado, também pouco importa a revolução, mas ele é um vagabundo que vive a vida de forma lírica e humana. O episódio lhe é indiferente, pois não possui nada para perder. Mas com personagens como Paulo Honório, de Graciliano Ramos, ou mesmo Paulo Rigger, de Jorge Amado, a situação é diferente pois são, cada um a seu modo, representantes de oligarquias e/ou da burguesia em seus respectivos estados. Paulo Honório sabe que a revolução poderia atrapalhar os seus negócios, lamenta os homens de sua fazenda que embarcaram para lutar e se irrita, depois, com a falta de crédito nos bancos. Paulo Rigger, por sua vez, que é proprietário de fazenda de cacau, parece não sofrer ou se incomodar com os acontecimentos políticos recentes. Nada lhe afeta economicamente ou mesmo lhe preocupa nesse sentido. Os acontecimentos históricos e políticos não encontram eco no universo do protagonista. Ainda assim, esse alheamento de Paulo Rigger não provoca cisão na verossimilhança da obra, pois a trama se volta, antes de tudo, para um questionamento existencial, como dissemos. Quando a época parece avançar numa discussão sobre o comunismo, Paulo Rigger responde com ironia, o que provoca a mudança do assunto em seguida:

— Cuidado, Ricardo, esse rubi traz uma doença contagiosa: a retórica... Pois eu sou comunista... — e Rigger engastou-se com um pedaço de carne.

Jerônimo não acreditava:

— Comunista, você? Um aristocrata? “Comigo não, violão...”

— Mas, Rigger, o comunismo é bonito em teoria... Na prática, um fracasso. Igualdade, igualdade... Depois os operários que governam a sorrir o povo... É isso o comunismo na prática.

— Mas é exatamente por isso que eu sou comunista... O comunismo mandaria sorrir os brasileiros três vezes por dia. O povo endireitava... No Brasil eu sou comunista prático. O único remédio eficaz para o brasileiro é o chicote... (Amado, 2011, p. 63-64)

A última afirmação de Paulo Rigger, como dissemos, nos parece detentora de ironia e acaba fornecendo elementos para uma leitura ao contrário. Ainda assim, é possível ler na conversa entre os personagens uma problematização acerca do tema comunismo. Ao ironizar e afirmar que é comunista, os amigos se opõe. Um deles problematizando a ideologia, como dissemos. Outro o chama de aristocrata. Em outro momento, posterior, como já mencionado neste estudo, Paulo responderá que não se inclina para o comunismo porque gosta de se vestir bem. Ao utilizar a ironia na passagem acima, a afirmação perde a credibilidade e os personagens passam a tratar de outro assunto.

O personagem Ricardo Braz, diferentemente, de Paulo, tem sua vida alterada pela Revolução de 1930. Graças ao fim da Primeira República, um político de sua terra lhe oferece o cargo de promotor numa cidade do interior do Piauí. A dificuldade financeira, até então, era um entrave nos seus planos de tentar ser feliz com a opção do casamento. No capítulo quinze, quando o leitor é informado de que o personagem se sente infeliz, temos o registro de que o prefeito da cidade era “tão benemérito que a Revolução não conseguira derrubá-lo. Mudara-lhe somente o nome para interventor” (Amado, 2011, p. 134). Bem relacionado na cidade e com a vida estabilizada, Ricardo, embora pontual, é um bom exemplo, no romance, da integração entre o tempo histórico e a vida do personagem. Como os demais personagens, sente que fracassou na busca pela felicidade.

A última cena do romance é bastante significativa. Paulo Rigger está no Rio de Janeiro e se dirige de táxi para o porto. É dia de carnaval, o que torna impossível a realização do percurso. Ele desce e segue a pé até o porto. No caminho, passa pelas pessoas que festejam e se divertem. Há um nítido paralelo entre o primeiro carnaval que passou no Rio, quando se permitiu festejar e se misturou ao povo nas ruas, e o último carnaval. Desta vez, Paulo é refratário e ríspido com as pessoas, não se integra à multidão. É um burguês que passa e não se mistura. Já embarcado no navio se situa entre poucas pessoas, dentre os quais ingleses e argentinos, e do tombadilho observa a capital do Brasil se afastando. A contraposição entre o povo e o homem rico, ao final, é inevitável.

A investigação acerca da situação econômica dos personagens em época de grandes transformações políticas no país nos ajuda a pensar acerca da ideologia predominante em nossa sociedade, no período. Segundo Terry Eagleton,

As obras literárias não são fruto de uma inspiração misteriosa nem são explicáveis simplesmente em função da psicologia dos seus autores. São formas de percepção, maneiras determinadas de ver o mundo, e como tal têm relações com a forma dominante de ver o mundo que é a “mentalidade social” ou ideologia de uma época. (Eagleton, 1978, p. 18)

Obra escrita em período político conturbado em que não é possível entrever os acontecimentos futuros, O país do carnaval explora principalmente o universo burguês de Paulo Rigger. A realidade social e econômica vivida pelos demais personagens não parece afetar ou mesmo sensibilizar o protagonista. Nesse sentido, poderia ser classificado como um personagem plano, embora se possa defender que com relação a determinadas características, como o ceticismo, por exemplo, ele apresente modificações. Em relação à dimensão burguesa, no entanto, é plano. Sob esse aspecto, o personagem que chegou da França no início do livro é muito parecido com o que embarcou em retorno para o mesmo

lugar ao final. Desgostou do carnaval, foi ou se sentiu infeliz no amor, parece inclinado à crença ao final, mas em termos econômicos ou se observada a sua relação com a vida burguesa, não se alterou.

A Revolução de 1930 não afetou os negócios de sua família, não lhe trouxe dificuldades de ordem política ou econômica, sequer lhe fez tomar partido ou defender qualquer posicionamento ideológico. Talvez porque a revolução, como nos informa Aspásia Camargo (1983, p. 16), foi uma “revolução das elites”. As mudanças sociais e estruturais que o governo provisório de Vargas realizaria pertencem ao futuro da obra e Jorge Amado não poderia, claro, prevê-las no ano de publicação do livro. Ainda assim, surpreende o olhar atento que possui sobre sua época e a presença, no livro, de um rico registro acerca de seu tempo. Assim com o a revolução, que não foi feita pelos operários ou pelas massas populares, na obra não há também um espírito de luta popular ou de transformação social propriamente. Ao contrário, as personagens parecem conformadas com a classe em que se encontram e prevalece o olhar da burguesia cacauceira.

No círculo de amigos de Paulo Rigger, predomina uma perspectiva individualista em relação ao principal assunto da obra: a busca pela felicidade. No entanto, um personagem se diferencia com relação a esse aspecto e nesse ponto é o extremo oposto do protagonista: José Lopes. Se o diálogo do capítulo dezesseis nos serve para compreender Paulo Rigger como alheio às vertentes ideológicas do período, esse mesmo capítulo demonstra a inclinação de José Lopes ao comunismo, como é chamado no romance. Esse se afirma materialista, reconhece que o comunismo possui defeitos, mas que as virtudes “são em maior número” (Amado, 2011, p. 142), convida Paulo a crer nos homens e rompe com uma visão caricatural presente na sociedade ao enumerar os “preconceitos do povo”. Após o personagem citar ideias do senso comum como derrubar igrejas, destruir ídolos e cortar cabeças, atribuídas ao comunismo, questiona sobre o governo que possuem, um “governo das elites”. José Lopes ainda afirma que Paulo Rigger, por ser rico, deve combater-lhes, situando-se no universo oposto ao do protagonista. Por fim, ao final da conversa, afirma que foge de Rigger porque sempre encontra nele uma realidade que o enche de tristezas, possivelmente a percepção da absurda desigualdade social do país. Após essa conversa, o protagonista decide ir-se embora do Brasil.

Compreendemos o personagem José Lopes como um alter ego de Jorge Amado. Há uma passagem na narrativa em que essa aproximação parece ficar muito clara. No capítulo onze encontramos José Lopes em uma situação muito semelhante à do escritor em 1930: escrevendo um romance num quarto de pensão⁶. De forma metalinguística, os títulos que imagina para a sua obra, que será patrocinada por Paulo Rigger, encontram afinidade com O país do carnaval: “Escreveu: Os doentes de insatisfação. Leu. Não

⁶ Sobre o tempo em que Jorge Amado morou em uma pensão no Rio de Janeiro, além da informação de José Castello, já mencionada neste estudo, a biógrafa do escritor, Joselia Aguiar, nos informa que após uma rápida passagem por Ilhéus, o escritor embarcou para o Rio de Janeiro. Em 28 de maio de 1930, no percurso da viagem, envia um telegrama para a sua noiva Maria José Sampaio, a Mariá, e no dia 3 de junho está instalado num quarto de pensão em Copacabana, “no melhor bairro da cidade” (Aguiar, 2018, p. 40). Ainda segundo Aguiar (2018, p. 45), até o início de 1931, o romancista, “de pensão em pensão, quarto ou casa alugada entre amigos, viveria ainda no Catete e em Ipanema”.

gostou. Riscou e escreveu: Os mendigos da felicidade” (Amado, 2011, p. 103). Ao final do romance, José Lopes risca a palavra “Terminou” e anota “Principiou” no lugar. Sua afirmação pode ser feita para o final de *O país do carnaval*: “Ficou cismando em que ninguém compreenderia que, só depois de terminado o livro, de terminadas as experiências, de desiludidos todos de encontrar o sentido da vida, esta começava. Principiava a tragédia de todo dia...” (Amado, 2011, p. 103). O personagem-autor afirma ainda que seus personagens, tais como os de Jorge Amado, não são descritos fisicamente no livro e apenas seus sentimentos são trabalhados.

Publicado o romance, o narrador nos informa que pouca gente o leu, a crítica o ignorou e “ninguém compreendeu o grito de desespero que havia naquele livro” (Amado, 2011, p. 104). Evidentemente, sabemos que se dá o contrário com *O país do carnaval*. No entanto, é significativo observar que a ideia de a obra conter um grito é a mesma que aparece no prefácio de Jorge Amado, quando este escreve “Este livro é um grito. Quase um pedido de socorro. É toda uma geração insatisfeita que procura a sua finalidade”. A semelhança é nítida. Mas se os inimigos de José Lopes afirmaram que o livro era comunista, o mesmo não ocorre com o romance de Jorge Amado, no qual, como demonstramos, prevalece o sentimento burguês. O livro chegou a ser chamado de “anticomunista” como a crítica menciona. Ainda assim há em *O país do carnaval* um homem que se identifica com o comunismo e que escreve um livro semelhante, com personagens insatisfeitos e pobres de felicidade. Seu nome, José Lopes, sonoramente, produz assonância com Jorge, o primeiro nome do autor. Entre Lopes e Jorge há, inclusive, uma rima toante. Esse personagem ocupa um espaço pequeno no primeiro romance de seu autor, mas possui papel importante na linha evolutiva da obra de Jorge Amado, que, nos anos seguintes, desiste de um livro que seguiria a linha de *O país do carnaval* para escrever seu segundo romance, *Cacau*, e se voltar “com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade” para “a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia.” (Amado, 2010: 09).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O país do carnaval, como bem afirmou Luís Bueno, apresenta a inquietação comum ao período do início dos anos 1930. Investigar as imagens da revolução contribui para a compreensão dessa qualidade, pois se trata de um período de fortes transformações políticas com grandes impactos na vida social brasileira. Embora lido na época, como afirmou Bueno, como obra de teor católico, essa dimensão, como demonstramos, fica apenas sugerida e a ausência de seu desenvolvimento, passado o calor do momento, dificulta que a obra seja lida nessa perspectiva. Ainda sobre a inquietação do período, vale lembrar as palavras de Jorge Amado, que na “Explicação” ao seu primeiro romance afirma: “Não posso bater-me por uma causa. Eu ainda sou um que procura...” (Amado, 2011, p. 14).

O personagem José Lopes representa um posicionamento favorável à ideologia socialista, chamada de comunista no romance, por conta do período em que é escrito. O desenvolvimento do universo do protagonista, no entanto, se sobrepõe e em alguma medida ofusca o personagem secundário, fazendo prevalecer o ponto de vista da cultura

burguesa que domina o livro do início ao fim. Jorge Amado, como sabemos, afirmou várias vezes que não se identificava com Paulo Rigger e negou várias vezes a tradução de *O país do carnaval* para outras línguas, só permitindo muito tardiamente, graças ao empenho de sua amiga Luciana Stegagno Picchio, que fosse traduzido para o italiano, como afirma em entrevista a Alice Raillard (1990, p. 47): “[Paulo Rigger] é, de todos os heróis dos meus romances, aquele em que eu menos me projeto, o que me é mais estranho” Evidentemente, a afirmação do escritor possui o distanciamento temporal e reflete uma visão muito posterior à publicação do livro, embora nos anos seguintes já tivesse assumido uma posição ideológica de esquerda.

Um aspecto instigante de *O país do carnaval* está, como demonstramos, no avanço temporal que a obra realiza em relação ao tempo de escrita. Paulo Rigger parece viver dois anos no Brasil enquanto Pedro Ticiano envelhece cerca de cinco anos no mesmo período. A pequena incoerência se mantém no nível do detalhe e não atrapalha a verossimilhança da obra. Revela, no entanto, que o tempo da narrativa avança após 1930, promovendo uma situação curiosa, pois possui, por exemplo, elementos sobre a luta constitucionalista iniciada após a tomada do poder por Vargas, sem, no entanto, saber que ocorreria em 1932 a Revolução Constitucionalista que contribuiu para uma mudança no governo provisório. A presença desses elementos revela um escritor atento ao período histórico.

Embora não traga o registro de um combate, a Revolução de 1930 está presente em toda a narrativa de *O país do carnaval*. Como o universo de José Lopes não seja muito explorado na narrativa, é por meio de Paulo Rigger, representante da burguesia cacauífera baiana, que vamos nos informando sobre os acontecimentos políticos do país. Não há, no entanto, problematização sobre a situação econômica do protagonista que parece existir, nesse sentido, de forma indiferente aos acontecimentos do país. Por outro lado, é um representante do que a revolução provocaria no país: a permanência da burguesia no poder. Como a obra foi redigida em 1930, não podemos avançar sobre as mudanças sociais que o governo de Vargas realizaria. A mudança operada no país, que desloca a relação do poder, antes dominada pelo Rio de Janeiro e por São Paulo, na chamada política café-com-leite, encontra na imagem indiferente de Paulo Rigger, que busca pela própria felicidade e não a encontrando decide voltar para a França, uma imagem significativa. Assim, *O país do carnaval* inaugura um conjunto de obras que abordaram a Revolução de 1930, no qual encontramos ainda autores como Graciliano Ramos, Erico Verissimo e Aníbal Machado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.

AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AMADO, Roberto. *Jorge Amado e o romance de 1930*: protagonismo de uma nova voz emergente (1931-1934). Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Unicamp, 2006.

CAMARGO, Aspásia. A revolução das elites: conflitos regionais e centralização política. *A Revolução de 30*: Seminário Internacional. 1980, Rio de Janeiro. Brasília: UNB, 1983, p. 7-46.

CASTELLO, José. Romance de deformação. In: AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 147-155.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado*: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Tradução de António Sousa Ribeiro. Porto: Afrontamento, 1976.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*: historiografia e história. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

MACHADO, Aníbal. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. O romance e o pensamento político nos anos 30. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, 12/13, 1747-163, 1981/1982.

PONTES, Matheus de Mesquita e. Jorge Amado e a literatura de combate: da literatura de engajada à literatura militante de partido. *Revelli – Revista de educação, linguagem e literatura da UEG-Inhumas*, v. 1, n. 2, out. 2009.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. 83. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SOUZA, Laudênia Matias Alves. *Jorge Amado, literatura e intelectualidade: interpelações de memórias e escritas*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina grande, Campina Grande, 2019.

VERISSIMO, Erico. *Olhai os lírios do campo*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Submetido em 8 de novembro de 2024

Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2025